

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mariana Werneck das Neves de Almeida

Mar depois do mar

mergulho interior

Rio de janeiro
2018

Mar depois do mar

mergulho interior

Projeto e Monografia de Graduação em Comunicação
Visual Design

Orientador
Leonardo Ventapane

Resumo

Passei a minha infância no Rio grande do Norte, lugar onde tive uma intensa inserção no ambiente da praia, que se tornou meu principal lugar de exploração e diversão enquanto criança e meu principal ponto de conexão com a vida e comigo mesma enquanto adulta.

Na infância minha brincadeira preferida era abrir os olhos embaixo d'água e me sentir verdadeiramente parte daquele ambiente. Porém no decorrer da minha infância, desenvolvi miopia em um grau elevado demais para conseguir enxergar embaixo d'água com nitidez, e a visão do mar virou apenas memória.

Nesse trabalho busco um resgate da sensação de visão através de experimentos em fotografias e vídeos. Percorro todos os aspectos da minha relação com o mar, fazendo da minha memória fabulação para construir narrativas.

Lista de imagens

Imagem 1 - Meio cheio (2017).....	8-9
Imagem 2 - Mar sem fim (trípico).....	11
Imagem 3 - Still water.....	11
Imagem 4 - Sal e Som de Maré (2017).....	12
Imagem 5 - You are the weather.....	14
Imagem 6 - Suíte Líquida.....	15
Imagem 7 - Envelheço com o mar e o mar envelhece comigo (2017).....	16-17
Imagem 8 - Abbys.....	19
Imagem 9 - Cover your glacial expectations.....	19
Imagem 10 - Estrela cadente do mar (2017).....	20-21
Imagem 11- Estrela cadente do mar (2018).....	22
Imagem 12 - I Believe.....	24
Imagem 13 - Mar depois do mar (2017).....	25
Imagem 14 - Além mar (2017).....	26
Imagem 15 - Naufrágio interior.....	29
Imagem 16 - Nhandrudson - Numa velocidade estonteante.....	29
Imagem 17- Naufragar (2017).....	30-31
Imagem 18- Naufragar (2017).....	32
Imagem 19- Meio vazio (2017).....	34-35

Sumário

Resumo.....	3
Lista de imagens.....	4
Agradecimentos.....	6
Apresentação.....	7
Sal e som de maré.....	10
Diluir.....	13
Estrela cadente do mar.....	18
Mar depois do mar.....	23
Naufragar.....	28
Referências.....	36

Agradecimentos

“Me arde o sal
Me espalha o sal
Me espelha o mar

Me acolhe o mar
Me abraça o mar
Me afaga o mar
Me afoga o mar

Me afunda o mar
Me morre o mar”

Luedji Luna

Agradeço primeiro ao mar e as sensações, ao tempo e os ensinamentos. Agradeço à minha mãe por ter me apoiado diretamente durante toda a minha vida e por ter me proporcionado uma infância mágica junto às águas limpas e mornas do nordeste. Agradeço também a toda a minha família por ter me dado o suporte necessário nessa jornada chamada vida. Agradeço a todos os amigos que reconheci dentro da Escola de Belas artes e que muito fazem parte do meu crescimento, em especial à minha amiga querida, Cláudia Ferrari, que sempre esteve presente quando precisei de uma ajuda extra pra registrar minhas fantasias. Por fim, agradeço ao Leonardo Ventapane, por orientar esse projeto e por ter ouvido e me ajudado a amadurecer as ideias durante a graduação.

Apresentação

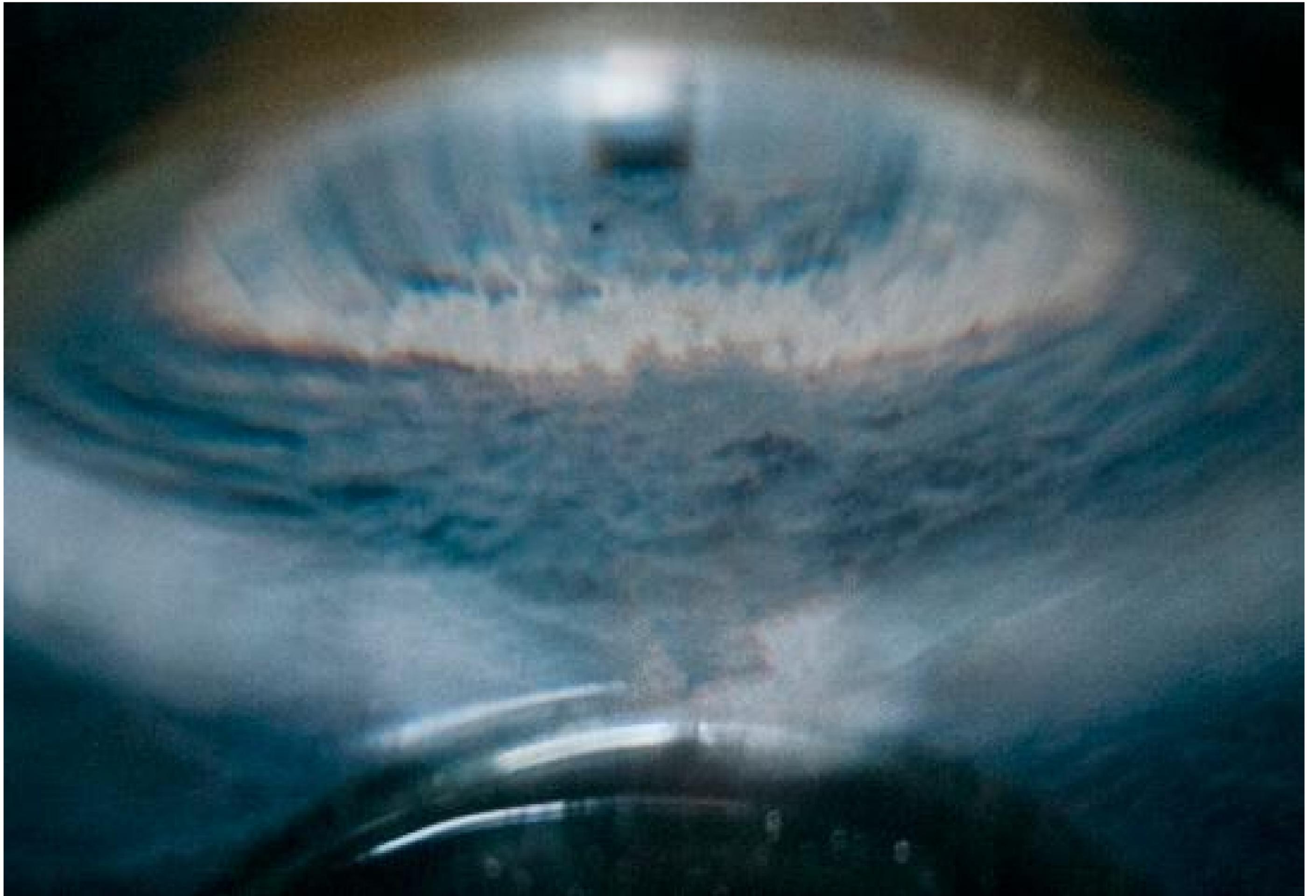
Durante meu trajeto pela graduação em Comunicação Visual, me identifiquei com o caminho da imagem fotográfica, explorei essa linguagem também fora da UFRJ, em cursos teóricos e práticos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Todo esse processo de busca e experimentação da imagem fotográfica me levou a um trabalho de conclusão de curso com suporte em vídeo e fotografia, onde trago de referências de artistas contemporâneos como Roni Horn, Thiago Rocha Pitta, Olafur Eliasson, Arthur Scovino e Malu Fatorelli.

O ponto de partida conceitual e apoio do meu trabalho foi a obra “A água e os sonhos” de Gaston Bachelard que se dedicou a se dedicar à fenomenologia sobre as variações das águas: as claras, primaveris, correntes, amorosas, profundas, dormentes, mortas, compostas, suaves, violentas, a água como mestre da linguagem. A obra traz uma nova maneira de pensar e viver as águas intimamente, entre devaneios e sonhos refletidos através de suas imagens.

A partir da percepção dos meus sentimentos e águas, construí diversas narrativas que exploram as sensações armazenadas no meu corpo e mente e estão ligadas a lembranças e vivências afetivas vividas na minha infância na praia, nesse sentido os estudos de Carl Jung no que se refere à simbologia da água e às representações do mar, serão levados em consideração. Começo com “Sal e som de maré” e “Diluir” capítulos que falam sobre a dança do tempo, suas permanências e efemeridades. Prossigo com “Estrela cadente do mar” e “Mar depois do mar”, que passam pelas águas íntimas e curativas e por fim termino com “Naufragar”, que acaba em águas desconhecidas.

O primeiro processo para a construção desse trabalho foi encarar vários aquários vazios que representam corpos-objetos, e através de experimentos com elementos encontrados na praia - água, areia e conchas- fiz de cada aquário um museu do mar e dos meus sentimentos. Após alguns registros em foto e vídeo desse processo, comparei essas imagens com fotografias que fiz das conchas que coleciono e de detalhes que encontrei a idas à praia, então percebi que essas imagens colocadas em duplas construíam uma narrativa com conti-



Sal e som de maré

“O mar é como a música; traz em si e faz aflorar todos os sonhos da alma. A beleza e a magnificência do mar provêm do fato de impelir-nos a descer nas profundezas fecundas de nossa alma, onde nos defrontamos conosco recriando-nos, animando o ‘triste deserto do mar’”

Carl Jung, em carta a Emma Jung, redigido ao navio que partira de NY, em 1909

Para entender esse lugar do mar, é possível recorrer a alguns conceitos propostos por Carl Jung, para ele água do mar corresponde ao seu conceito de coletivo inconsciente. No que se refere aos arquétipos e o inconsciente coletivo, Jung determina que nosso inconsciente se manifesta em dois sentidos. Existe nele uma camada superficial que é pessoal. Contudo, há também uma camada mais profunda que não está relacionada com experiências. Para Jung, toda a carga de produção simbólica construída pelo homem é resultado das imagens arquetípicas que quando ligadas ao indivíduo por meio da emoção se tornam sua própria vida. Nesse sentido, “os arquétipos só adquirem expressão quando se tenta descobrir, pacientemente, por que e de que maneira eles tem significação para um determinado indivíduo vivo” (Jung, 1964, p.96).

Nessa perspectiva, Jung estabelece vários arquétipos sob os quais construímos nossa individualidade. Algumas das formas pelas quais os arquétipos podem se manifestar são através do mito, dos símbolos, dos contos de fadas ou podem ser transmitidos através de sonhos e visões.

Já Bachelard, valoriza a força poética das imagens ao afirmar que ela possui duplo papel: o primeiro é de significar outra coisa, o segundo é fazer sonhar coisas diferentes. A imaginação não é capacidade do homem de criar imagens do real. Ao contrário, a imagem é autônoma e independente e por isso inaugura um novo mundo criando outras realidades.

Segundo Bachelard, a importância da água na poesia é explicada pelo fato de este elemento ser o princípio que fundamenta as imagens. Em a “A água e os sonhos” o autor faz analogia das águas com os ciclos das estações: “A água torna-se assim, pouco a pouco, uma contemplação que se aprofunda, um elemento da imaginação materializante. Noutras palavras, os poetas distraídos vivem como uma água anual, como uma água que vai da primavera ao in-

verno e que reflete, passivamente, levemente, todas as estações do ano”. (Bachelard, 2002, p. 12)

Leonardo Ramadilha foi meu primeiro professor de fotografia e conseqüentemente uma das minhas primeiras referências de fotografia brasileira. Ramadilha produziu uma coleção chamada “Parte de mim é mar” de séries fotográficas sobre a água salgada, algumas séries dessa coleção são dispostas em duplas/trios ou mais fotos alinhadas lado a lado, provocando uma forte sensação de narrativa e conexão entre as imagens.

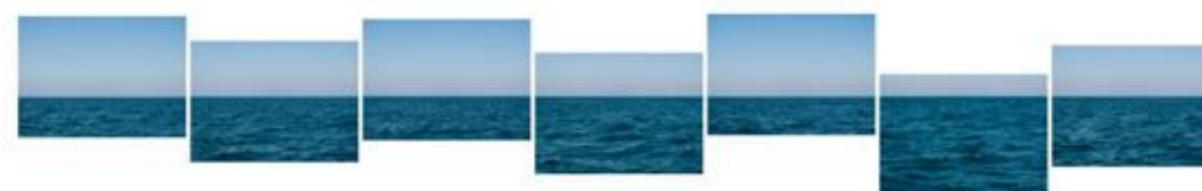


Imagem 2 – MAR SEM FIM (TRÍPTICO)

Fonte: <http://www.ramadilha.com.br/portfolio/parte-de-mim-e-mar/>

Roni Horn é uma artista que mostra bastante interesse na natureza, principalmente nas águas e lugares cobertos por gelo. Na série fotográfica “Still Water”, Roni Horn também coloca as fotos lado-a-lado, porém só faz uso do plano fechado para compor as imagens.



Imagem 3 – STILL WATER

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/scarydan/1654837878>

Na sequência “Sal e som de maré” crio duplas de imagens levando em consideração elementos visuais como cores, linhas e formas das fotografias selecionadas. Uso imagens estáticas como Leonardo Ramadilha e imagens em movimento como Honi Horn, também mesclo planos abertos com planos fechados a fim de deixar o espectador livre para interpretação da dimensão dos elementos. Com essas imagens, procuro passar sensações similares às que sinto ao ouvir uma música, as linhas orgânicas que compõem as imagens criam uma continuidade, os ruídos dos grãos de areia levam a imagem do som e a construção de uma narrativa que conta sobre as fases calmas e turbulentas da água e da vida.



Imagem 4 – Sal e Som de Maré (2017)

Diluir

“Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer.”

Gaston Bachelard

Ainda na infância comecei a perceber que o mar provocava mudanças no meu corpo e mente. A primeira percepção óbvia foram os dedos enrugados após um tempo dentro d’água, seja por absorção ou drenagem, matéria sólida e líquida se misturavam de alguma maneira.

Observando minha mão, entendi que o mar deixava marcas que falavam sobre o tempo. Vivenciei quase todas as marés, das mais gentis às mais agitadas, e a certeza de que ao sair do mar eu já não era mais a mesma ao entrar, permanecia. Independente do humor das ondas. O cansaço físico “pós-praia” também é sintoma de mudança, afinal envelhecer nos oferece muito, mas também cobra e cansa.

As águas lavam, levam e mexem e areia que ela toca não fica intacta. O mar registra as impermanências do tempo. Dissolvo a cada vez que entro no mar e ele não também já não é mais o mesmo, envelheço com o mar e o mar envelhece comigo.

-

*“Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial, que modifica a relação da pessoa com o tempo, gerando mudanças em suas relações com o mundo e com sua própria história.”

*O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos

Roni Horn trabalha bastante com repetições e séries, permitindo que as menores diferenças, nuances ou desenvolvimentos se tornem aparentes. Em “You are the Weather”, um conjunto de 100 retratos da mesma mulher captada em diferentes piscinas geotermiais na Islandia, e cuja expressão apresenta mudanças sutis que refletem as mudanças do tempo. Em "Diluir" também trabalhei as imagens em dupla, uma fotografia da marca do tempo na areia ao lado de uma fotografia da marca do tempo na minha mão, ambas imagens dialogam sobre passagens e mudanças que o tempo provoca.

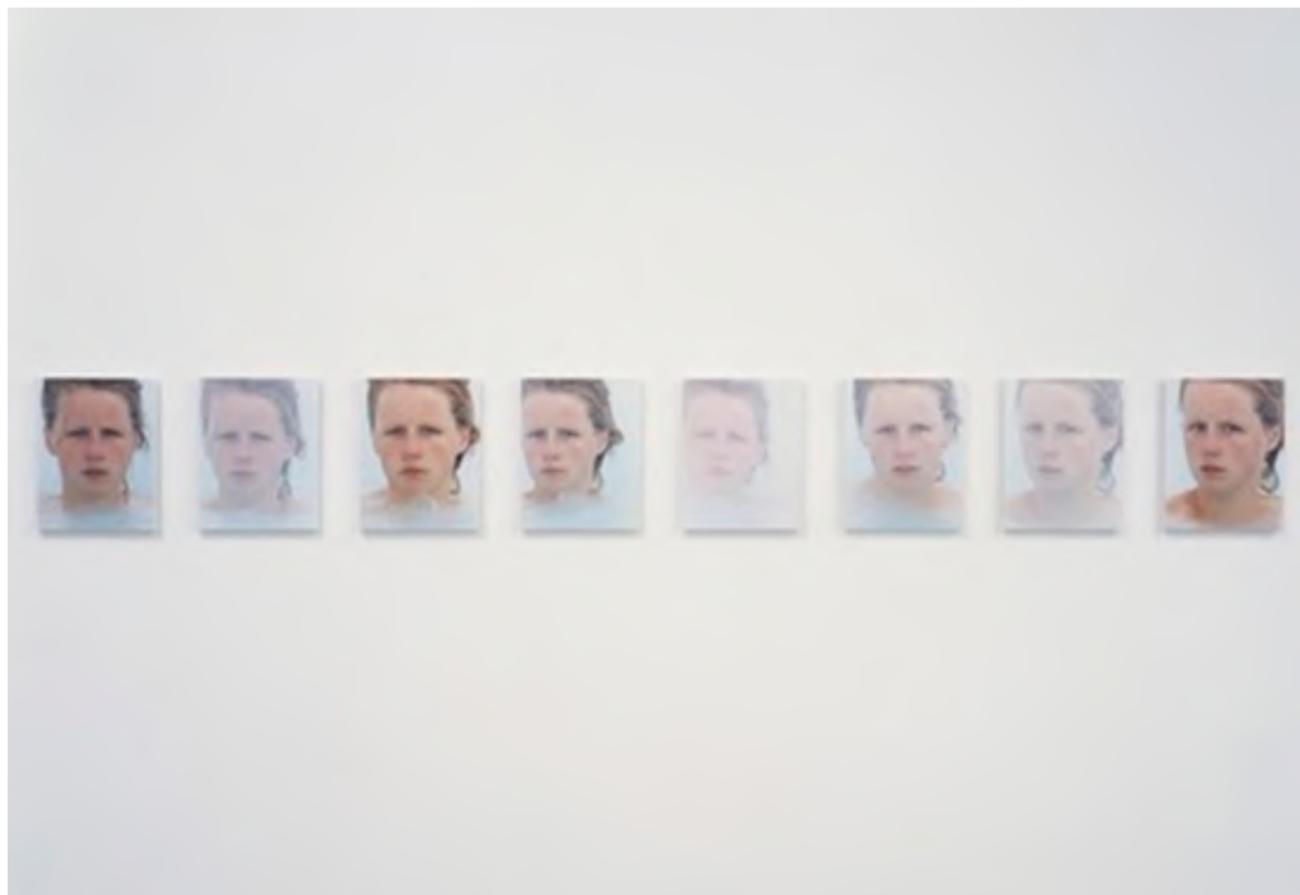


Imagem 5– YOU ARE THE WEATHER

Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/555561304026066897/>

Em “Suíte Líquida” a artista e arquiteta Malu Fatorelli trata da relação água-tempo e dialoga com o mar através de uma de ampulheta líquida, uma água azul escorre sobre tiras largas de papel, da parede ao chão, e forma desenhos orgânicos e incontrolláveis, que tingem o papel marcando a passagem de tempo. As marcas deixadas por esse líquido são formadas em camadas, indicando de fato que essa imagem foi construída no tempo. No meu trabalho também há presença de camadas - na imagem da areia modificada pela passagem da água e também em minha mão, camadas criadas através da lenta absorção do líquido na matéria sólida.



Imagem 6 - Suíte Líquida

Fonte: <http://www.cultura.rj.gov.br/evento/clepsidra-arquitetura-liquida-1>



Imagem 7 – Envelheço com o mar e o mar envelhece comigo (2017)



Estrela cadente do mar

Na infância, eu e as outras crianças da praia, brincávamos de caçar estrelas do mar, aquelas com formato arredondado, mais pareciam uma bolacha ou um frisbee. Elas ficavam quase enterradas no fundo dentro d'água, cobertas por uma fina camada de areia, pra achá-las era um processo sensorial de bastante tato e pouca visão, nadávamos submersos, tocando a areia com as mãos em busca de um revelo, torcendo pra ser estrela. E se era estrela, a gente guardava pra depois.

Após alguns minutos destinados à caça, nos encontrávamos à beira mar para contabilizar as estrelas que cada um havia conseguido, não era tão relevante, mas tinha lá um fundo de competição. O que interessava mesmo era o depois, pensar nos pedidos, afinal, as estrelas eram moedas de troca, devolvo uma estrela e o mar me realizava um pedido, ou era a própria estrela que me concedia o desejo? Mistérios.

Na hora de lançar o pedido ao mar, era pura adrenalina. A força, a velocidade, a concentração o tamanho da estrela, tudo isso contava para poder de realização ser maior. Pra mim, era muita coisa, e ainda tinha que pensar sobre o que o mar tão grande e poderoso poderia me oferecer. Na hora, todo mundo lançava as estrelas ao mesmo tempo, parecia uma chuva horizontal, todas juntas. Elas faziam movimentos giratórios no ar até cair no mar e afundar novamente e com nossos quereres guardados em si. Quantas estrelas, quantos pedidos fiz, quantas coisas quis.

As estrelas cadentes do céu eram inalcançáveis e passavam num piscar, era raro, longe, um sonho. Apesar do verdadeiro fascínio pelo fluxo da água, eu sempre fui terra - matéria, corpo e densidade. Gostava de ter a estrela em minhas mãos, sentir a textura, analisar aquela vida e decidir como devolver a água. A ilusão do controle me confortava e a verdade do desapego me atraía.

Bachelard no primeiro capítulo do seu livro *A água e os sonhos*, em águas claras, primaveris e correntes, traz as condições objetivas do narcisismo. Fazendo uma reflexão sobre a imagem refletida na água e no espelho. Segundo ele os espelhos são objetos demasiados civilizados, manejáveis, geométricos, são instrumentos de um sonho evidente demais para a adaptação onírica. O espelho aprisiona em si um segundo mundo que lhe escapa, no qual ele se vê sem poder se

tocar e que está separado dele por uma falsa distância.

Em busca de uma maneira de representar o céu na terra, usei o espelho como elemento principal desse trabalho, minhas principais referências foram os trabalhos "Abbys" do Thiago Rocha Pitta e "Cover your glacial expectations" do Olafur Eliasson, ambos os artistas usam o espelho como forma de inserção do céu no chão.



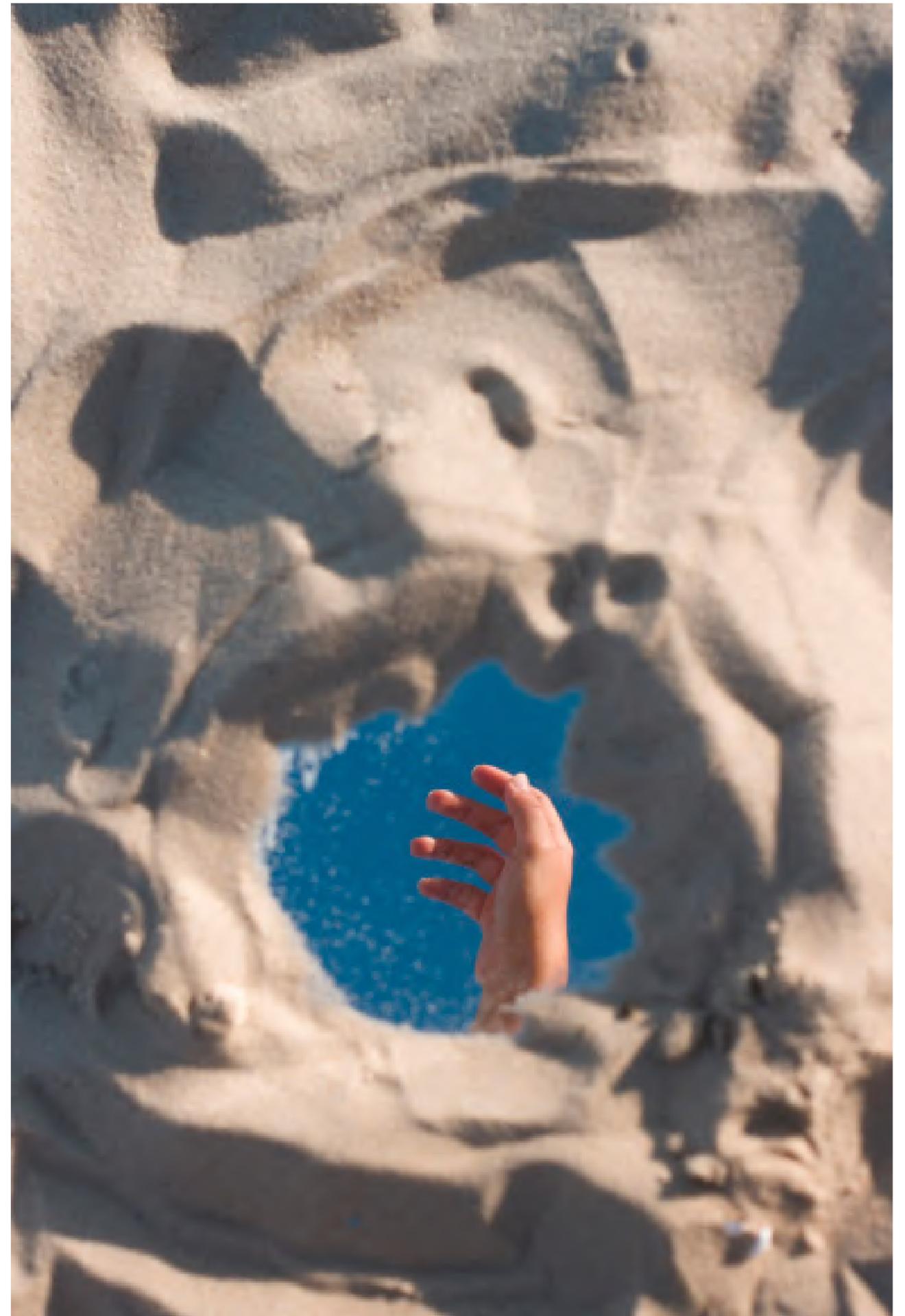
Imagem 8 - ABBYS

Fonte: <http://www.gluck50.com/index.php/artists-in-residence/thiago-rocha-pitta/thiago-rocha-pitta-selected-works/>



Imagem 9 - Cover your glacial expectations

Fonte: <http://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK107242/your-glacial-expectations>





Mar depois do mar

A água limpa, por isso, em algumas religiões, as pessoas se banham nos rios para experimentar uma regeneração e purificação de energia e sentirem-se unidas à fonte dessa energia. A água dá vida. Por este motivo, os rituais de iniciação que marcam o começo de uma nova forma de vida, com frequência, incluem a lavagem ou a imersão na água.

Em momentos de agonia existencial, minha mãe me aconselhava a por os pés na terra ou na areia, para que eu me sentisse parte do mundo, enraizada na vida, dizia ela. Ou então que eu procurasse o mar e pedisse que ele levasse de mim tudo o que me angustiava e me trouxesse aquilo que buscava. Na praia, encontrei o enraizamento da areia e a renovação da água.

Quando era criança me questionava para onde o mar arrastava minhas dores, o que havia de tão mágico além da linha do horizonte que meus olhos podiam ver, me contaram que depois da linha havia mais mar, e depois ilhas e depois outros continentes. Mas não era disso que eu estava falando e não era exatamente isso que me interessava, me irritava com a literalidade dos adultos, cheios de realidades. Eu não queria realidade, queria a magia, as lendas, as sereias, conversar com lemanjá, seguir Poseidon camuflado de ondas e achar tesouros.

A limitação humana-adulta de me explicar tudo o que queria saber sobre o além-mar me fez perceber que eles nunca estiveram lá de fato, não é um lugar que nós conseguimos ver ou estar. Assim como a lenda de quem-morre-vai-para-céu, só o céu visível pode ser explicado, as nuvens, o vento, a chuva e tudo mais. O céu dos mortos, o céu que condena e perdoa, só existe pra quem imagina. Como o além-mar, onde moram minhas dores e os meus desejos, ele não está além, está dentro de mim e do mar que me habita. Eu sou “onde o mar deságua, cura a minha ira. Pra nascer de novo, sara”*. Eu sou o dentro-mar.

Para produzir a parte visual dessa narrativa, posicionei o aquário a frente de uma tela transmitindo um vídeo que fiz do mar. A passagem do mar pelo corpo-objeto representado pelo aquário, forma uma imagem dividida em duas partes, antes da tela “encontrar” o aquário e depois que a tela e o aquário se “fundem”, a sensação que fica é da água se direcionando para dentro do corpo-objeto, representando esse espelhamento que é ter o mar dentro de si.

A compreensão de mar se transforma, a imagem se distorce e se torna quase abstrata, remetendo também a limitação da minha visão embaixo d’água, a nitidez se vai e sobra as nuances de luz e os sons.

Em "I Believe", Olafur Eliasson usa a luz e a água como reflexo em uma única fotografia que consiste no céu espelhado na água, me inspiro na maneira como o artista compõe a imagem e na forma como reflete sobre a natureza a fim de explorar nossos sentidos.



Imagem 12 - I Believe

Fonte: <http://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK101836/i-believe>



Imagem 13 - Mar depois do mar (2017)

fonte: <https://youtu.be/rZg3BvYpQbs>



Naufragar

Estar e ver o mar, boiar nas águas moles, prestando atenção na inspiração e expiração em equilíbrio com o balanço das quase ondas, estar no limbo de me deixar levar pela correnteza e a tentativa de ancorar no raio que me permite ver minha família terrestre na areia. Mergulhar, transmitir e receber sinais sonoros da vida embaixo d'água. Às vezes metade ar, metade água, as pernas submersas, sentia medo de naufragar e ainda sinto.

Segundo Jung, a água é o símbolo mais comum do inconsciente. É símbolo da vida e da morte, ou mais precisamente, da morte da morte porque representa um retorno à origem, ao materno, a natureza. Assim, a água pode referir-se a tribulações e é uma imagem simbólica que retoma os conteúdos desconhecidos do nosso inconsciente os quais muitas vezes ignoramos. Para Jung, é importante que nós percorramos o caminho da água, ou seja, das tribulações. Mergulhar nas profundezas do inconsciente e reconhecer em si mesmo a sombra que todos nós temos e que muitas vezes ocultamos com a persona. É necessário fazer esse mergulho profundo na própria alma e promover esse encontro com a própria sombra, pois, realizar esse caminho, embora seja um percurso doloroso, consiste em um processo de autoconhecimento. “Cada um dos elementos tem sua própria dissolução: a terra tem seu pó, o fogo sua fumaça. A água dissolve mais completamente. Ajuda-nos a morrer totalmente.” (BACHELARD, 2002, p.94).

A água também causa a morte. Em alguns mitos religiosos ela simboliza o estado caótico das coisas antes do começo da vida. Em outros sistemas, a morte é o oceano que, ao cruzar, não há retorno. Em situações perigosas, tais como as produzidas pelas tormentas no mar, a água representa, de forma inconfundível, a morte.

Em “Naufrágio Interior”, Thiago Rocha Pitta se auto representa através da imagem de um barco, corpo-objeto que aos poucos vai sumindo, até ser completamente coberto de terra. O artista comunica o naufrágio do barco e de si mesmo. “Nhandrudson - Numa velocidade estonteante” do Arthur Scovino, também foi um trabalho que usei de referência. O artista desenvolveu uma série de autorretratos com objetos, pessoas e animais a fim de revelar sua essência selvagem. Ambos os trabalhos são voltados para a representação do artista através de objetos, assim como em “Naufragio” onde uso o aquário como auto-representação.



Imagem 15 - Naufrágio interior

Fonte: <http://www.galeriamillan.com.br/pt-BR/ver-obra/naufragio-interior>



Imagem 16 - Nhandrudson - Numa velocidade estonteante

Fonte: <http://visioponto.blogspot.com.br/2012/11/nhandrudson-no-visiopontos.html>

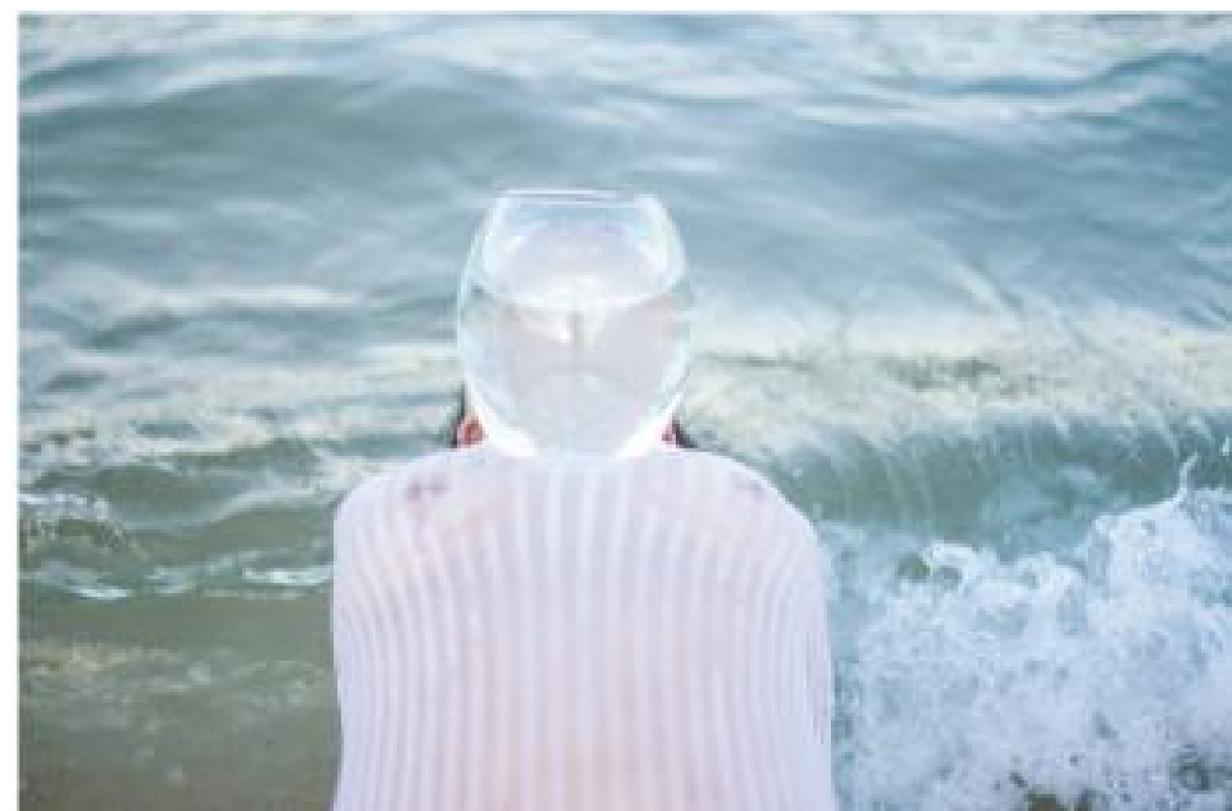
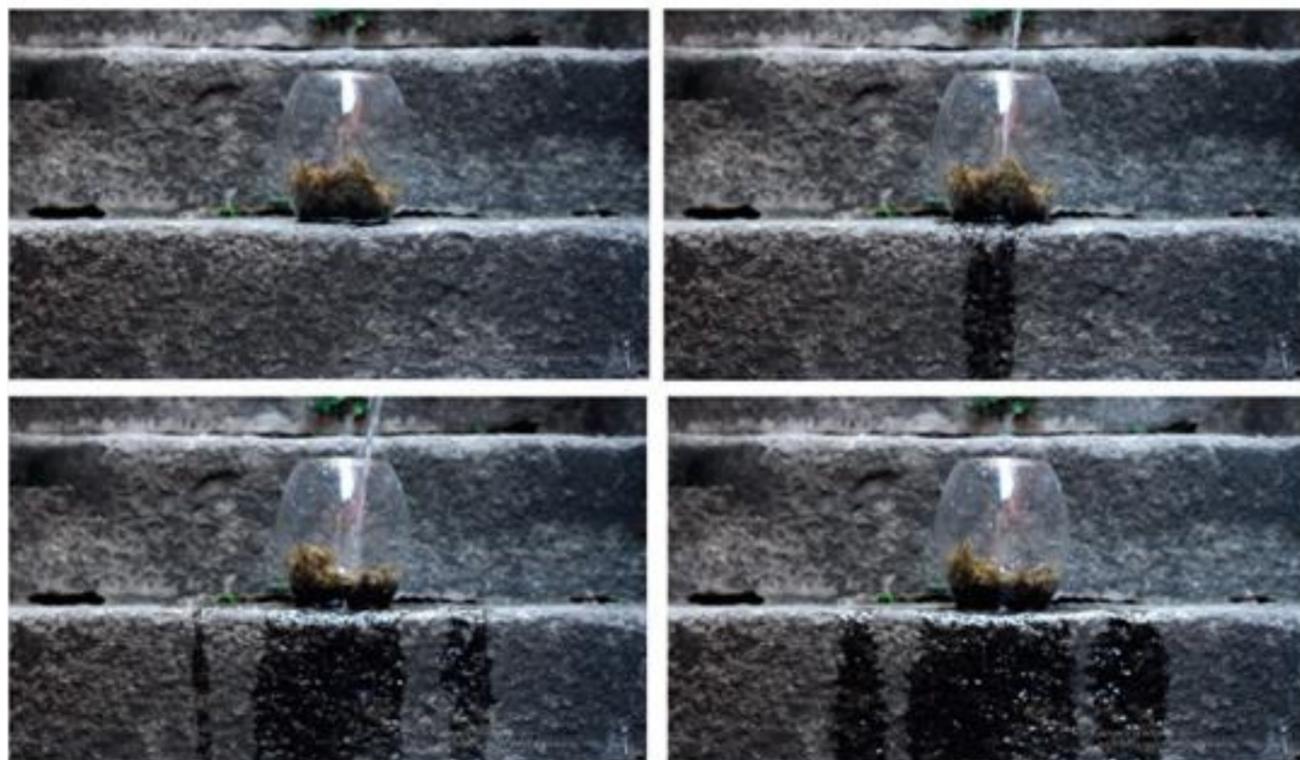


Imagem 17 – Naufragar (2017)

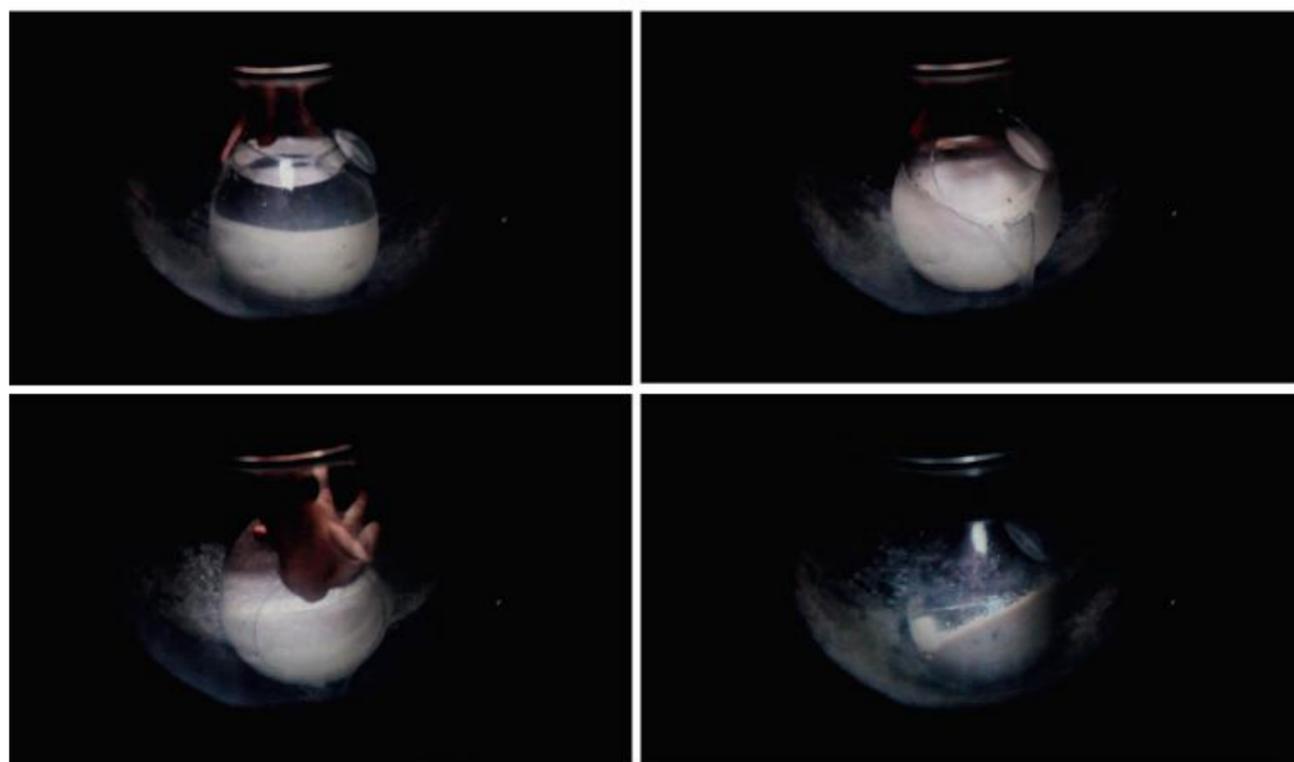


Considerações finais

O objetivo inicial do meu trabalho final era resgatar a minha memória da visão, mas ao longo de todo o processo percebi que as questões que eu levantava iam além, não se tratava apenas de memória afetiva, mas também de autoconhecimento, de ser e se perceber parte da natureza, não enxergar o mar me fez enxergar que o mar era eu. O que era pra ser "apenas" um projeto de conclusão de curso, tornou-se um trabalho feito de muito afeto e memórias.

Todo o processo do preencher e registrar cada aquário de maneiras diferentes me fizeram lembrar e repensar a minha relação com o mar, todas as idas à praia a fim de registrar seus detalhes me fizeram perceber outras maneiras de conexão com aquele ambiente, criei novas memórias e mergulhei em mim. As narrativas são o resultado desse mergulho interior, o processo de construção dos textos foi feito de maneira intuitiva mas também precisei me agarrar à matéria - vasculhar fotos antigas - me destacar e me reconhecer enquanto criança foi essencial pra trazer verdade e imaginação às narrativas que construí.

Com esse trabalho resgatei e ressignifiquei muitas memórias além da visão, integrei todos os significados da água e comecei a enxergá-la como unidade. Consegui colocar em imagens, devaneios e realidades.





Referências

A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria, Gaston Bachelard ; tradução Antonio de Pádua Danesi. – São Paulo: Martins Fontes, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo.** Petrópolis: Vozes, 2000a, vol. IX/1.

RAMADINHA, LEONARDO - 2013. Mar Sem Fim – Galeria Gabinete D Imagem – São Paulo

HORN, RONI - Still Water (The River Thames, for Example)', Roni Horn, 1999.

HORN, RONI - You Are The Weather (1994-1996)

FATORELLI, MALU - Suíte Líquida, 2014

ROCHA PITTA, THIAGO - Abyss, 2001

ELIASSON, OLAFUR - Your Glacial expectations, 2012

ELIASSON, OLAFUR - I believe, 1992 - 2000.

SCOVINO, ARTHUR - Nhandrudson – numa velocidade estonteante”, Café & Cognac, Salvador, BA. 2012